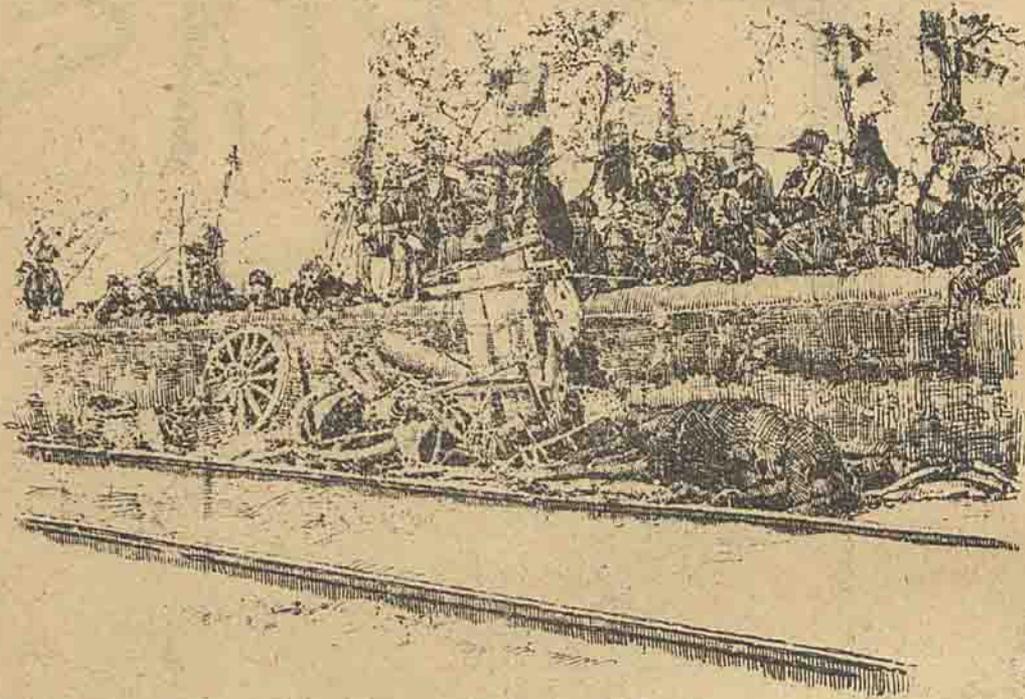


David Corazzi, o editor que mais serviços tem prestado a Portugal, acaba de emprender a reedición das *Farpas*, esse trabalho valiosissimo de Ramalho Ortigão, um dos mais formosos estylists, um dos mais evidentes criticos da nossa minguada litteratura.

E as *Farpas* não significam apenas alguns volumes de primoroso estylo, o que seria bastante; não representam simplesmente algumas paginas de inimitavel critica — o que seria muito; synthetisam tambem um vasto estudo de observações da vida nacional — artistica, scientifica, commercial, rural, burgueza, intima, de forma que, todas as diferentes camadas da nossa sociedade, se acham directamente interessadas na leitura d'essa obra, cujas paginas distrahem corrigindo e illustrem ensinando.

O DESASTRE DE VILLA FRANCA



Devido á amabilidade do nosso amigo o sr. Lino de Macedo, que nos remetteu um nitido exemplar da photographia por elle tirada no local do desastre, publicamos o desenho d'esse local, pouco depois do horrivel desastre que tão profunda impressão causou no publico.

O PARDIEIRO DO LARGO DA ABEGOARIA



O desenho que encima estas palavras é o retrato d'um morto illustre pela sua nomeada e pelas suas respeitaveis cans: o pardieiro do Largo da Abegoaria, que por tantos annos fez o desespero dos nossos nervos de artista e ao qual a camara municipal mandou finalmente deitar abaixo.

Agora o que pedimos de mãos postas ao proprietario dos terrenos é que não mande edificar algum novo pardieiro de estylo gothico ou byzantino...

Mal por mal, então antes o que estava.

E, já que estamos com a mão na massa do pardieiro, vem a pello chamarmos a attenção da camara para o cunhal do predio que vae construir-se e o qual nos parece querer estender o pésinho fóra do novo alinhamento da rua da Trindade, comendo-lhe alguns palmos da largura.

Lembramos ao sr. Fernando Palha que não tire o olho do *cordel municipal* e nós cá ficamos de olho alerta...

THEATRO DE D. MARIA

Sexta-feira, 15 de abril, festa artistica da actriç

AMELIA VIEIRA



Sabbado, 16 de abril, festa artistica da actriç

AMELIA DA SILVEIRA



Como vèem, temos uma semana dedicada às Amelias. Na quinta-feira, baptisado do filho da princeza Amelia; na sexta-feira festa artistica de Amelia Vieira, a viuva e talentosa discipula d'aquelle eminente artista que se chamou José Carlos dos Santos e cujas lições tão evidentemente lhe aproveitaram; no sabbado, festa artistica de Amelia da Silveira, uma das primeiras actrizes do theatro normal, como o tem demonstrado em tantos trabalhos de reconhecido merecimento, e a mais formosa de todas ellas, como o provou o concurso de formosura realisado ha pouco no *Correio da Manhã*.

Vamos consultar o sacristão da freguezia, porque é impossivel que esta semana não metta tambem alguma festa a Santa Amelia.

O MASSAPÃO

Toda a gente anda intrigada com o tal massapão que hade figurar na cerimonia do baptisado do principe beirão.

O proprio fidalgo a quem compete levar o massapão, não sabe o que hade levar, porque não sabe o que é massapão.



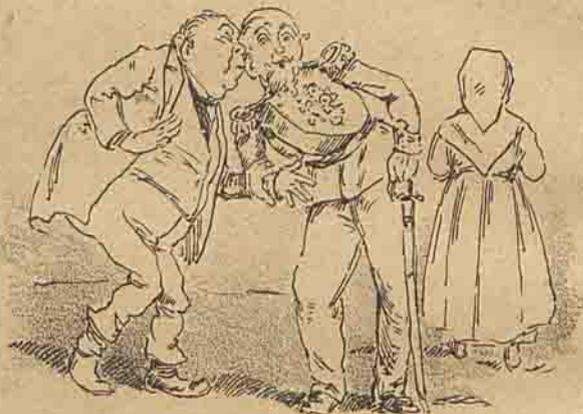
E já consultou o Viale.



— V. ex.ª, que é um sabio, saber-me-ha dizer o que que é um massapão?



E o conselheiro, depois de consultar gregos, latinos, saoskriptos e a criada de meio, respondeu mysteriosamente:



— Massapão?... É uma coisa..... que se parece... com uma coisa.....

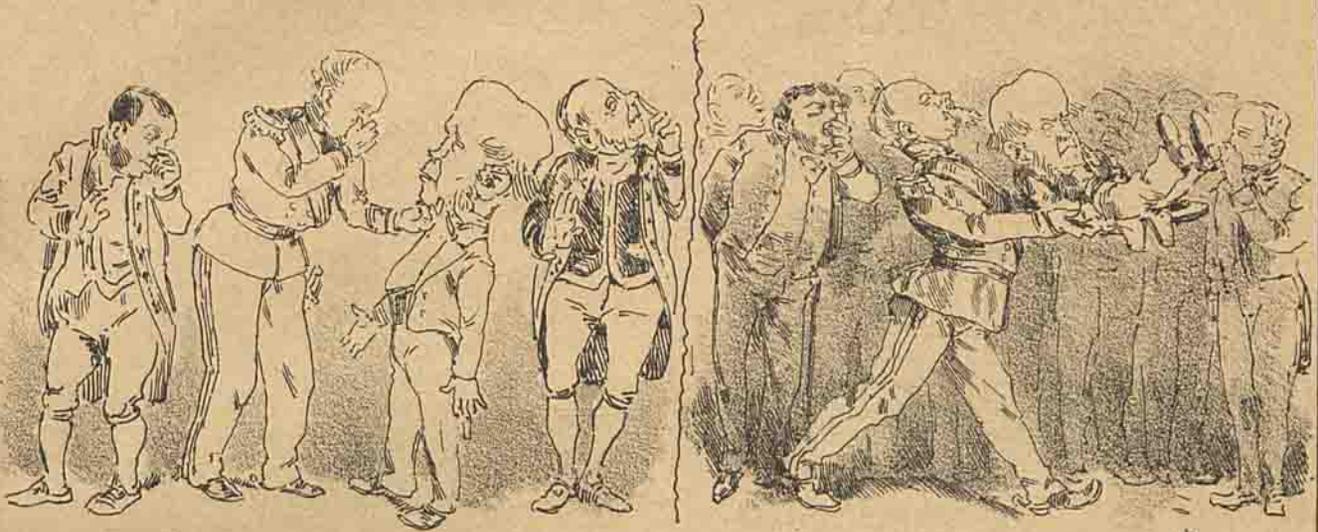


E foi-se.

E o D. Luiz, ficou-se a reflectir maduramente:



— Será isto?... Nada! É muito gordo para massapão...



De repente bateu na testa.
— É isto, com toda a certeza! Deu-me logo o cheiro... Ora venha cá, seu massapãozinho...

E no caminho para a cerimonia todos commentar: assombrados.

— Ora esta! Então o massapão não se nos saca!!! massapim!!!

NOVO APPARELHO



No arsenal de marinha fez-se ha dias a experiencia d'um novo aparelho destinado a levantar navios de grande lote indo collocal-os sobre estaleiros fixos.

A' experiencia assistiu a mestrança do costume, bem como o sr. ministro da marinha.

S. ex.^a sahiu-nos um trocista de mão cheia, por isso que, sabendo fallar inglez perfeitamente, fingiu que não sabia, servindo-lhe de interprete o sr. França Netto, cujas explicações o sr. ministro escutava com um sorrisinho de troça, assim como quem diz:

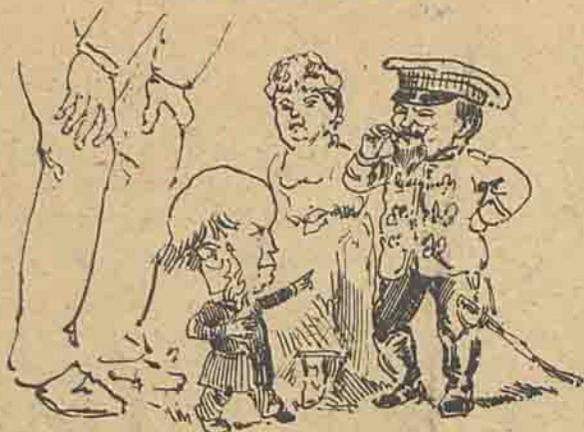
—Pois sim; mette-lh'as gordas que são para assar...

A experiencia fez-se n'um tanque improvisado, que pingava por todos os lados, sendo necessario empregar uma duzia de calafates para lhe tapar as gretas.

O auctor do aparelho demonstrou a excellencia d'este, fazendo manobrar um naviosinho de papelão, que mettia na doka á custa de piparote.

Ficou enfim demonstrado que o aparelho offerece as maiores vantagens — trabalhando n'uma bacia de mãos.

LILIPUTIANOS



A gallinha da vizinha é sempre melhor que a minha, bem diz o proloquio.

Toda a gente espantada com os liliputianos da rua de S. Francisco, sem ninguem reparar que temos por cá alguns liliputianos ainda mais notaveis—pela sua insignificancia.



POR AHI...

Com persistencia pyrrhonica,
Da semana os casos junto;
E ao qu'rer assumpto p'ra chronica
Não vejo raça de assumpto!

E além d'isso, que não tenho,
O jornal—novo embaraço—
Vae tão cheio de desenho
Que p'ra as letras falta espaço.

Feliz, com tal contratempo,
A saltar me desconjuncto,
Por não ter, ao mesmo tempo,
Tanto espaço, como assumpto.

Ora imagine o leitor
Que o lapis fôra madraço,
E que eu tinha ao meu dispor
N'este instante muito espaço.

Trabalhava todo o dia,
Dando voltas ao bestunto,
E afinal nada escrevia,
Attenta a falta d'assumpto.

Dando-se o caso contrario,
Que fazer? tambem pergunto,
Se, dos casos, o inventario
Dêsse carradas de assumpto?

Debalde gastava a verve
D'este enorme talento;
—Ter assumpto de que serve
Em tendo falta de espaço?

N'estes termos nada faço,
Deixo em descanzo o bestunto.
—Bem dita falta de espaço!
—Bem dita falta de assumpto!

PAN-TARANTULA.

CASOS, TYPOS E COSTUMES

NADA DE NOVO...

Chega o caseiro Norberto;
Vem risonho e jovial.
Bellas novas traz decerto
Da familia e do casal.



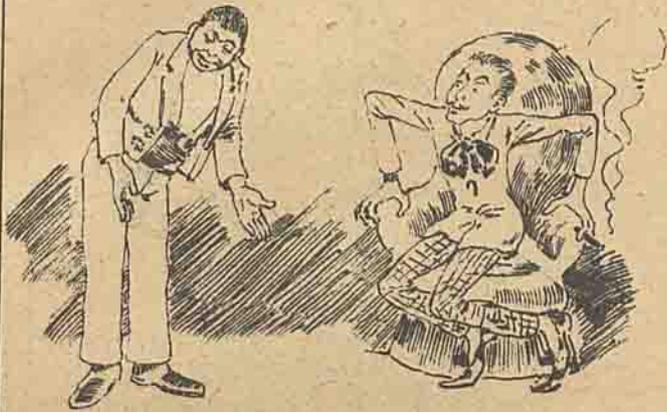
—Folgo de vel-o contente;
Não ha nada, lá no povo?
—Graças a Deus, felizmente,
Tudo bem... nada de novo...



—Ai! perdão! já me esquecia
D'um pequeno pormenor;
Espichou, de pulmonia,
O seu cavallo—o melhor...



—Como assim?! punge-me a magua!
 —Coitadinho! andára em brasa
 Toda a noite a levar agua
 P'ra o incendio que houve em casa...



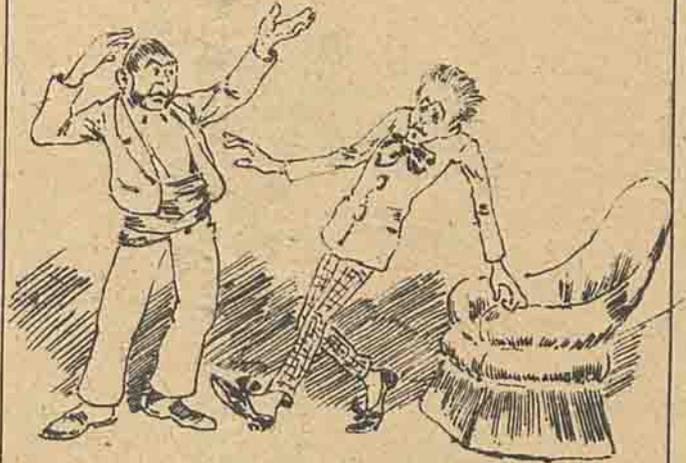
—A casa ardeu?—D'alto a baixo!
 Ficou tudo n'um tição
 Por tombar sobre o capacho
 Uma tocha do caixão...



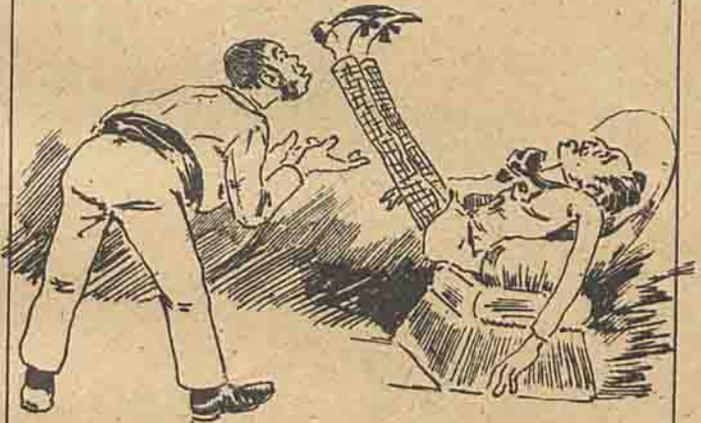
—Do caixão!... Deus de clemencia!!!
 Qual caixão? bruto do inferno!
 —Onde o pae de vocelencia
 Repoisava o somno eterno...



—Elle quiz salvar da morte
 A senhora sua mãe...
 Teve, emfim, a mesma sorte...
 ...Porque ella morreu tambem...



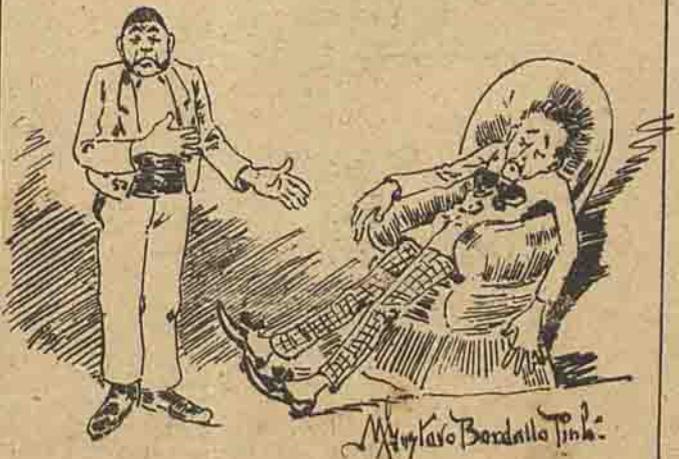
—Não lhe lembra aquelle doce
 Que a mãe lhe mandou, n'uns pratos?
 Pois a patroa enganou-se...
 Era pasta mata-ratos...



—Teve um pesar tão pequeno
 Que se foi deitar ao poço...
 —Pois o doce era veneno?!...
 ...E eu que o comi ao almoço!!!

—A não ser este incidente
 Lá na terra, lá no povo,
 Graças a Deus, felizmente,
 Tudo bem... nada de novo...

PAN-TARANTULA.



M. J. V. B. Bandeira Lima.

CONTOS EM BRANCO

(Concluido do numero antecedente)

